

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL
DA TERRA INDÍGENA ARARA
DO IGARAPÉ HUMAITÁ

The image features a central text block on a dark green background. Above the text is a horizontal band with a wavy top and bottom edge, containing a yellowish-brown river scene. In this scene, several fish of different sizes and colors (orange, pink, green) are swimming. A turtle is visible in the upper right, and a bird is flying in the upper right corner. Below the text is another horizontal band with a wavy top and bottom edge, containing a green river scene. This scene includes a large crocodile on the left, a fish in the center, a blue egg or fruit on the right, and a pink bird on the far right. A small crab is also visible in the lower right corner of this band.

Realização

Associação Agroextrativista do Povo Shawãdawa
do Igarapé Humaitá - APSIH
Associação do Movimento dos Agentes
Agroflorestais Indígenas do Acre - AMAAIAC
Comissão Pró Indígenas do Acre – CPI-Acre

Organização

Julieta Matos Freschi
Mari Corrêa
Viviane Hermida
Marina Kahn
Vera Olinda de Sena Paiva

Coordenação das oficinas do PGTA na aldeia Foz do Nilo – Terra Indígena Arara do Igarapé Humaitá

Julieta Matos Freschi

Coordenação das oficinas com temática Juventude e Mulheres

Viviane Hermida
Mari Corrêa

Assessorias técnicas nas oficinas do PGTA

Davi Palhares de Polari Alverga
Elke Lima dos Santos

Mapas georreferenciados

Setor de Geoprocessamento - SEGEO/CPI-Acre

Revisão

Marina Kahn
Viviane Hermida
Mari Corrêa

Fotos

Maria Caillândia Pereira Varela
Maria de Fátima Pereira
Diane Arara
Rozilda da Silva
Maria Ingrid Santos Varela
Maria Irislene Ferreira da Costa
Josué Pereira Cazuza
Davi Palhares de Polari Alverga
Elke Lima dos Santos

Ilustrações

Povo Shawãdawa da Terra indígena Arara do Igarapé Humaitá

Apoio

Ministério do Meio Ambiente - MMA/PNUD
Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais
indígenas do Acre - AMAAIAC
Projeto Mulheres e Juventude na Proteção e Conservação do
Território Shawãdawa - PNUD/MMA

Projeto gráfico, capa e diagramação

Lumina Comunicação & Arte

Direitos Autorais

© 2025 - Todos os direitos reservados ao Povo Shawãdawa
da Terra indígena Arara do Igarapé Humaitá, Instituto Catitu e
Comissão Pró-Indígenas do Acre – CPI/Acre.

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL
DA TERRA INDÍGENA ARARA
DO IGARAPÉ HUMAITÁ

Rio Branco - Acre
2025



A Terra Indígena Shawãdawa é a nossa casa. Então, nós temos que cuidar dela com sabedoria, com inteligência. Porque se a gente não cuidar dessa Terra, quem vai cuidar para nós? Esta Terra está na mão de vocês e é preciso que vocês aprendam a cuidar dessa Terra, a defender a Terra, o direito à Terra, defender o direito à educação, o direito à saúde! Tudo que nós lutamos, que nós conquistamos não caiu de mão beijada. Pra gente conquistar essa Terra, o Chico Varela foi preso, foi batido, foi derramado sangue... E a maioria dos nossos parentes não reconhece a luta que a gente teve em defesa desse território. E esse PGTA é um documento que vai dizer tudo que nós podemos conduzir na nossa Terra, o que nós podemos e não podemos fazer, aquilo que é bom e que não é bom. O PGTA é isso. O que nós podemos usar e o que não podemos. Este documento é pra isso e eu acredito que todo mundo já tá sabendo... É como se diz, proteger e conservar!

Nós temos que ficar espiando os acordos do Plano todo dia e toda hora, se não a gente se esquece dos acordos. Vocês jovens peguem esse PGTA e façam como o Raimundo gosta de dizer, façam esse PGTA falar, já que vocês leem e vocês entendem.

**Doca (Francisco Dantas Varela,
liderança da Aldeia Foz do Nilo)**

Eu vou falar um pouquinho pra vocês, que eu sou a índia mais velha daqui! Sou filha da minha mãe [Judite Varela], que lutou por essa Terra mais o meu irmão [Chico Varela], que foi preso, derramou sangue... mas ele venceu. Foi jurado, duas caixas de cartucho pra cabeça dele, mas graças a Deus não aconteceu. Porque a minha mãe era uma guerreira! Foi quem lutou! A minha mãe falava com qualquer autoridade! E antes de morrer, minha mãe disse: “olha, meus filhos, meus netos, vocês nunca deixem ninguém tomar a frente da nossa Terra!”

Dona Redonda

(Aidê Varela Lima, filha de Judite Varela, Aldeia Foz do Nilo)

Vamos divulgar e disponibilizar cópias do nosso PGTA para as instituições governamentais e não governamentais. Vamos fazer a divulgação do nosso PGTA no “porta a porta” entre as famílias moradoras da TI. Vamos distribuir exemplares do PGTA para as escolas indígenas e não indígenas e contar com os professores e os jovens na divulgação e fazer leitura coletiva do PGTA em reuniões comunitárias. Cada liderança e os agentes agroflorestais indígenas devem divulgar o PGTA para os parentes que não estiveram presentes na Oficina de revisão do PGTA e fazer a divulgação para os vizinhos do entorno. Vamos fazer também o uso de outras formas de linguagem para a divulgação do nosso PGTA, por meio de vídeos, áudios e redes sociais. O PGTA é um documento legítimo e que deve ser seguido. Vamos atualizar nosso PGTA pelo menos de 3 em 3 anos.

Doca





Este Plano de Gestão Territorial e Ambiental – PGTA foi construído por moradores e moradoras de todas as aldeias da Terra Indígena - TI Arara do Igarapé Humaitá, em duas oficinas, realizadas na aldeia Foz do Nilo. O ponto de partida para o trabalho foi o primeiro PGTA da Terra Indígena, elaborado em 2012, em parceria com a Comissão Pró-Indígenas do Acre (CPI-Acre) e com a Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC).

A primeira oficina aconteceu de 13 a 18 de maio de 2024, com a participação de 68 pessoas, 44 homens e 24 mulheres, sendo 13 jovens. Na primeira oficina, foi feita a revisão dos acordos e atualização de oito mapas temáticos:

1. Hidrográfico

2. Histórico

3. Ocupação

4. Vegetação

5. Caça

6. Pesca

7. Extrativismo

8. Proteção territorial

A segunda oficina foi realizada de 21 a 23 de fevereiro de 2025, para validação do Etnomapeamento e do PGTA da Terra Indígena, com a participação de 84 pessoas, sendo 33 homens adultos, 19 mulheres adultas, 16 jovens do sexo masculino, 7 jovens do sexo feminino e 9 crianças e adolescentes de até 14 anos.

Nas duas oficinas, foram realizados momentos específicos de discussão com jovens e mulheres, para promover sua participação efetiva na revisão do PGTA. Esses momentos permitiram que esses dois segmentos identificassem coletivamente suas demandas, construíssem propostas e exercitassem a fala pública sobre o território. Foi um trabalho muito rico e que resultou na inclusão de acordos para o fortalecimento das mulheres e acordos para o fortalecimento da juventude, trazendo um diferencial importante para o PGTA da TI Arara do Igarapé Humaitá e para o povo Shawādawa como um todo.

No fim deste documento, está o depoimento de seu Chico Varela, uma das pessoas que atuou muito ativamente na luta pela demarcação da Terra Indígena Arara do Igarapé Humaitá, para que as gerações atuais e futuras conheçam essa história e possam contar, valorizar e manter viva a memória da conquista do território Shawādawa.



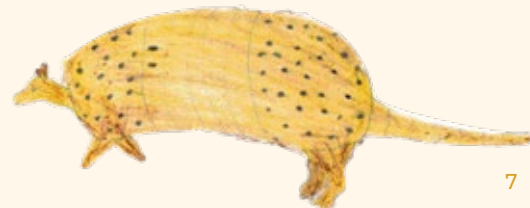
ACORDOS DE CAÇA 1

Eu acho muito bonito e estou feliz do que estão fazendo aqui na nossa Terra, sobre a área de refúgio. Não é possível que os nossos parentes não botem isso na cabeça porque é o bem pra nós. Às vezes eu sei da notícia, “ah fulano passou, matou anta, matou paca, matou veado, e leva pra Porto Walter e nós ficamos com fome por aqui. E quem tem cachorro come e nós não comemos, a gente dorme com fome. Tá ali, meu cunhado, sai 4 horas da madrugada pra ir caçar, mais de 3 horas de viagem, chega de volta de noite! E vem gente de fora, caçando aí por trás da nossa aldeia. Isso eu não acho bom não. Tudo isso eu falo, “é porque vocês não são liderança, que se eu fosse um homem, ninguém passava por mim não!”

Dona Redonda



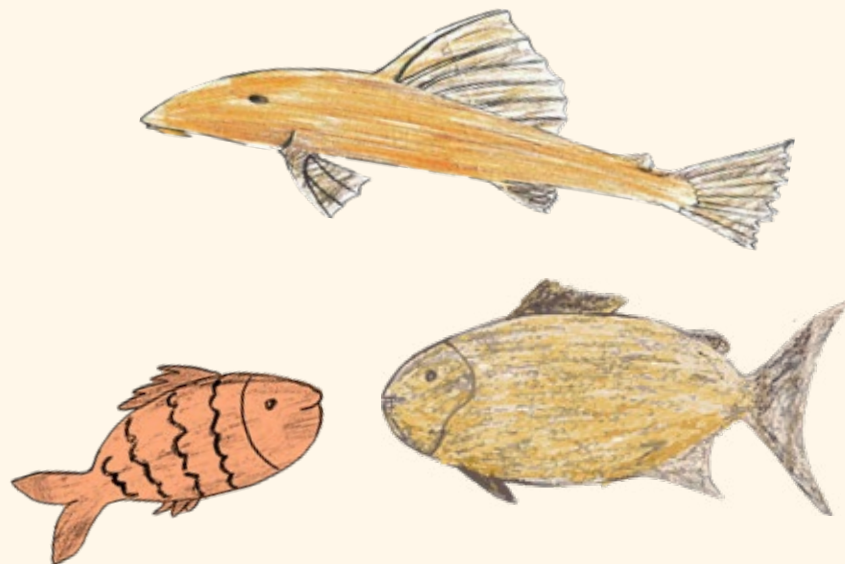
- ❖ Não é permitido comercializar carne de caça inclusive o jabuti para fora da Terra Indígena e dentro da Terra Indígena é somente no sistema de troca.
- ❖ Não é permitido caçar com cachorro. Estamos decidindo parar com a criação e tirar os que têm.
- ❖ Quando observar que a caça está parida ou grávida, não vamos matar a caça para não judiar das crias e filhotes.
- ❖ Vamos fortalecer a criação de animais silvestres, como jabuti e porquinho e a criação de animais domésticos, como porco, galinha e patos, para ter a carne perto de casa e não precisar estar caçando toda hora.
- ❖ Vamos manter suspensa a caça de jacaré e também não pegar seus ovos por tempo indeterminado, para que possam crescer novamente.
- ❖ Vamos plantar muitas frutíferas perto de casa, como pama, manixi, matá-matá, pupunha e ingá de planta, para trazer as caças para perto.
- ❖ Temos que respeitar a área de refúgio porque a caça só diminuiu e instalar um ponto de comunicação na comunidade Candim para avisar quando tiver gente indo caçar lá. Vamos parar também de levar pessoas de fora da Terra Indígena para caçar na área de refúgio e em toda a área da Terra Indígena. Com a existência da comunidade no Candim, a área de refúgio fica a partir de agora vigorando da Ponte de Malva para cima.



2 ACORDOS DE PESCA

É importante respeitar nossos acordos de pesca, com o objetivo de cuidar do nosso território.

- ❖ A pesca com uso de tingui, bicheiro e zagaia está proibida dentro da Terra Indígena.
- ❖ Nós mulheres, vamos reforçar a suspensão do uso do tingui, que mata tudo, dos grandes aos pequenos.
- ❖ A pesca de manga e arrastão estão proibidas durante o período de desova dos peixes.
- ❖ Nós mulheres vamos respeitar a época da desova dos peixes, para os peixes aumentarem mais.
- ❖ Como alternativa, vamos fortalecer a criação de peixes, tracajás e tartarugas. Para isso, será preciso mais parcerias para formação técnica, a colaboração de parceiros, projetos e a iniciativa de cada família.
- ❖ As lideranças devem estar sempre aconselhando e fazendo reunião nas aldeias sobre os acordos de pesca.





3 ACORDOS PARA CRIAÇÃO DE ANIMAIS



- ❖ Vamos fortalecer a criação de animais, como galinhas, patos, porcos, peixes e animais silvestres, como tracajá e jabuti e porquinho, de forma a aumentar a quantidade de carne disponível, para comer e para vender. Vamos procurar assessoria técnica para saber prevenir e cuidar das doenças, para alimentar os animais, para cuidar das crias e outros manejos da criação.
- ❖ As famílias que já criam gado não podem mais aumentar a área desmatada, tem que permanecer do jeito que está.
- ❖ Fica determinado o limite máximo de 5 hectares por aldeia que desejem criar. A abertura de novas áreas, se desejado, tem um prazo de 2 anos.
- ❖ Vamos procurar assessoria técnica para o manejo agroecológico da criação de gado, trabalhar com piquetes, pastos sombreados e com melhor aproveitamento dos pastos já abertos.



ROÇADOS TRADICIONAIS 4



O que nós temos que entender é que a mata ciliar não é só na beira do rio e nem na beira do igarapezinho. Por exemplo, eu vou brocar um roçado de terra firme, e se ali tem uma grota que escorre pra algum um canto, eu vou ter que entender que aquela mata ali faz parte da mata ciliar. Porque o que segura o igarapé mais largo, que a gente chama o rio, são essas grotinhas, são esses igarapezinhos. Então, se ele secar é claro que o rio também vai ter que secar porque não tem o que segure. Então temos que entender isso, onde tem fonte de água será mata ciliar.

Janisson

(Janisson Bayakuni, cacique da Aldeia Foz do Nilo)

Temos que ampliar os nossos roçados plantando mais, como milho, banana, jerimum, batata, inhame, abacaxi e amendoim. Além do consumo das nossas famílias, vamos produzir mais para alimentação dos nossos animais de criação. Também vamos continuar cultivando nas nossas praias.



- ❖ Área para roçado: para o cultivo em nossos roçados, vamos priorizar o uso das capoeiras, evitando a derrubada de florestas. Hoje já temos muitas capoeiras, principalmente nas aldeias mais antigas. Também não vamos colocar os nossos roçados em áreas de preservação permanente, como as matas ciliares e topos de morro. Nessas áreas as florestas serão mantidas. Com isso preservaremos as nossas florestas e os nossos recursos naturais.

- ❖ Produção: vamos também produzir mais em nossos roçados para comercializar alguns produtos, pois precisamos de uma alternativa para a geração de renda. Neste momento entendemos que a farinha é a principal produção para a nossa realidade. É necessário termos casa de produção de farinha bem adequada para a produção. Queremos resgatar também a produção de cana de açúcar para o beneficiamento.
- ❖ Recuperação de sementes tradicionais: vamos recuperar nossas sementes tradicionais fazendo intercâmbio com outras terras indígenas, onde realizaremos a troca de sementes. Vamos ter o cuidado com as sementes híbridas e transgênicas, pois possuímos nossas sementes puras e não vamos contaminar as nossas sementes.
- ❖ Não podemos usar veneno em nossos plantios, para não contaminar o solo nem a água e nem prejudicar a nossa saúde.

5 MUDANÇAS CLIMÁTICAS



- ❖ Temos que nos preparar para enfrentar e nos adaptar às mudanças no clima. Já estamos tendo perdas nos roçados de macaxeira, melancia e sofrendo com pragas que antes não existiam, como a praga da lagarta.
- ❖ Vamos mobilizar as aldeias e procurar apoio para organizar o que fazer e como fazer para entender e viver com as mudanças climáticas. Estamos vendo as mudanças também nos rios e igarapés: a água mais quente, os peixes diminuindo com a quentura. Rio, igarapés, cacimbas secando. Mas ainda não temos um plano de adaptação e vamos elaborar para apoiar os acordos do PGTA.



6 PLANTIOS AGROFLORESTAIS



As frutas são importantes para a nossa alimentação e nossa saúde. Os sistemas agroflorestais (SAF) também produzem alimentação para os animais de criação e são atrativos para a fauna. A Terra Indígena Arara do Igarapé Humaitá fez um levantamento em 2024 em 8 aldeias e já temos uma área de 8,13 hectares de plantios agroflorestais e uma quantidade de 4.187 pés de 50 variedades de frutas¹.

Eu quero pedir a cada pai de família que plante no seu quintal todo tipo de frutíferas, nós temos que abastecer a aldeia. Porque não é interessante eu plantar só no meu e o outro meu vizinho na aldeia não plantar. Isso significa que quando o meu cacau, o meu cupuaçu tá vingando, o filho daquele que não plantou vai tirar. E aí eu não fico gostando. Porque a mesma Terra que ele mora é a mesma que eu moro, então dentro dos quintais fica a responsabilidade do dono e da dona do quintal.

Outra coisa, bom de ressaltar, é plantar todo tipo de frutífera, pama, mão de cachorro, pama de cacho, bacuri, puçavi... porque tanto nos alimenta como os animais se alimentam. E nós estamos derrubando os derradeiros pés de fruta da mata que tem na aldeia. Como a gente se alimenta, assim como os pássaros, vêm as maracanãs, vêm as curicas, vem macaco da noite, vem cutia, vem paca, tudo pra comer esses tipos de fruta. E se cada pai de família se responsabilizar de plantar, a aldeia fica abastecida.

Doca

Nós sabemos que está difícil de semente nativa. É só o AAFI que precisa trazer da mata a semente? Só nós, AAFI? Tem também as famílias, os caçadores, que podem trazer! Comer as frutas e trazer as sementes pra perto de casa. Não é as famílias só esperar nós AAFI trazer, eu sempre falo isso em todas as reuniões.

Se for atrás de uma pama, hoje não encontra mais, tá extinta. Hoje a palheira não tem mais perto das aldeias. Pra fazer um kupixawa, um galinheiro, precisa pedir pro vizinho. O que nós podemos

fazer? Pegar o jaci e trazer pra perto de casa. Não vai servir pra nós, mas vai servir pros jovens que estão aqui escutando. Hoje nós cobrimos mais nossa casa de alumínio porque as palhas estão longe. Se nós plantarmos todos juntos, onde tem AAFI dando essa orientação, daqui a dois anos nós vamos ter muita fruta pra comer, pra vender e doar pra quem for preciso.

Cazuza (Josué Pereira Cazuza, agente agroflorestal, Aldeia São Luís)

- ❖ Queremos ampliar ainda mais as áreas de plantios agroflorestais em todas as aldeias. É importante que cada família tenha o seu próprio quintal ou SAF.
- ❖ As áreas prioritárias para a implantação de SAFs serão os quintais, as capoeiras e os roçados tradicionais, as beiras de rio, igarapés, olhos d'água e açudes.
- ❖ Vamos trazer para perto da aldeia as espécies nativas de frutas que temos na nossa floresta, como manixi, pama, cajarana, oiti e muitas outras, para as pessoas comerem e para a caça chegar mais perto.
- ❖ Vamos desenvolver hortas familiares dentro dos nossos SAFs.
- ❖ Vamos cuidar das palhas, como o jaci, principalmente, fazendo o manejo sem derrubar os pés e plantando muitos pés nas aldeias e perto das aldeias para trazer o reflorestamento das palheiras.
- ❖ Os agentes agroflorestais devem orientar sua comunidade sobre como fazer os plantios e devem dar o exemplo, plantando pelo menos um hectare de SAF em sua aldeia.



7 ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE

As matas ciliares, a gente vê a devastação do nosso rio e o quanto a gente perdeu. Como o remanso que a gente tinha e hoje não tem mais, isso tudo é trabalho da desmatção na beira do rio. Não só nós, isso é o não indígena também. Essa situação, a gente tem sofrido com isso se a gente não preservar.

O povo shawãdawa só chega pelo rio. O povo Shawãdawa não tem mais os caminhos, só chega de motor, de remo, não anda mais. E quando chega no porto já vê a destruição. Tem que melhorar esse tema.

Zé Maria

(José Maria Pereira, cacique da Aldeia Raimundo Vale)



Áreas de preservação permanente incluem as matas nas beiras de rio, de igarapés, em volta das nascentes e dos olhos d'água, que são as matas ciliares. A mata ciliar é protegida por lei e não pode ser derrubada.

Quero falar um pouco sobre esse tema, com relação à água e o lixo: primeiro, parentes, falando das matas ciliares, nós só temos água se nós tivermos mata na beira dos igarapés, na beira do rio Cruzeiro do Vale. E quando eu desço daqui de rio abaixo, rio acima, a primeira coisa que eu olho na terra indígena, eu não quero falar do branco, eu quero falar de nós mesmo, que tem aquelas várzeas devastadas na floresta. E quando você faz aquilo, é uma pereba que fica na beira do Cruzeiro do Vale, que o rio sente. Quem sustenta as águas dos nossos igarapés, são as florestas, são as árvores.

Eu digo pra vocês que o cariú² botou uma máquina nos meus olhos, num fórum lá em Rio Branco e eu vi essa terra chorando, eu vi ela mexendo, eu vi as perebas. Ela chorando, derramando lágrimas que nem um ser humano, porque nós lavramos ela.

Doca

Sobre a mata ciliar, a gente pode enriquecer onde está ficando mais pobre de frutas. Dentro do estudo, a gente tem algumas plantas que ajudam mais a água, como o buriti, palheiras, patoá, a cajá, cajarana, entre outros, que são plantas mais ricas em buscar a água. Para você ter uma noção, quem imagina nesta terra que nós estamos aqui, tão plana e muito alta, se botar só buriti ele vai puxar água e vai criar algum poço de água. Se as pessoas não sabem e querem ter a noção, façam isso em qualquer canto só com as palheiras, pra ver se não vai ter essa fonte de água empochando em algum tempo.

Antônio José Dantas
(Agente agroflorestal, Aldeia Matrinhã)

- ❖ Temos que proteger e reflorestar as matas ciliares (matas de beiras de rios, igarapés, nascentes, olhos d'água, igapós e açudes) de nossa terra indígena plantando árvores que ajudam a preservar a água, como buriti, palheiras, patoá, cajá, cajarana, ingá... porque elas preservam nossas águas e nossos recursos naturais e evitam o assoreamento de rios e igarapés e mantêm os rios navegáveis.
- ❖ Não podemos brocar roçado e nem colocar pasto nas matas ciliares.
- ❖ Vamos articular com os nossos vizinhos do entorno e apoiar para que eles também cuidem e preservem as matas ciliares do Projeto de Assentamento Cruzeiro do Vale e não joguem lixo nos rios e igarapés.



8 PROTEÇÃO TERRITORIAL VIGILÂNCIA E MONITORAMENTO COMUNITÁRIO



Sofremos com muita invasão de caçadores em três grandes áreas de nossa Terra, que estão registradas em nosso mapa de invasões e ameaças.

No ano de 2024, fizemos a reabertura e reavivamento dos limites da terra indígena em três trechos dos limites da Terra Indígena, onde acontecem mais invasões e ameaças.

1. Trecho da aldeia Santo Antônio à Aldeia Novo Acordo
2. Trecho da aldeia Novo Acordo ao Ramal 3
3. Trecho da aldeia Foz do Nilo à cabeceira do Igarapé Salgado

Depois que brocamos e limpamos a trilha demarcatória nesses três trechos, iniciamos o plantio de marcos verdes, com mudas de castanha do Brasil e de açaí, para sinalizar e alertar que ali fica o limite da Terra, e fazer o monitoramento do plantio de 2 em 2 meses.

Em 2024, fizemos uma oficina para a proteção territorial, com uso de geotecnologias através de aplicativos em tele-

fone celular, para registrar corretamente ameaças e invasões. O grupo de monitores indígenas apoiou a reabertura da trilha demarcatória e vai fazer excursões de vigilância nas áreas onde tem mais invasões.

- ❖ De 2026 em diante, temos que manter os limites zelados com as equipes de vigilância e monitoramento seguindo um planejamento para a proteção territorial.
- ❖ A salvaguarda é importante para as ações indígenas de proteção e monitoramento territorial para proteger as vidas dos monitores e monitoras indígenas, proteger as informações levantadas nas excursões de vigilância, proteger os equipamentos e as comunidades indígenas. "Salvaguarda" significa "salvar e guardar" através de procedimentos, acordos e condutas.
- ❖ Vamos fazer denúncias bem organizadas e vamos cobrar providências dos órgãos competentes (FUNAI, Polícia Federal, Ministério Público Federal, ICMBio, MPE e Conselho Tutelar).

Os parentes, só não tá muito legal ainda, porque tem uns que ficam criticando os outros. Mas a não ser essas críticas, de irmão com primo, um com o outro... se não fosse isso, tudo tava tranquilo. Mas, assim mesmo, esses jovens estão pelejando né? Que nem aquela reunião que nós tivemos [primeira oficina de revisão do PGTA, em maio de 2024], uns parentes ficavam duvidando... Eu fui um que disse, eu e o Doca "Ah, esses meninos

não aguentam nada! E essas mulheres?! Que vão fazer?! Que não vão fazer nada, que não aguentam!" [sobre participar na reabertura da trilha demarcatória]. E tem mulher que já foi mais longe que os caras que diziam que as mulheres não iam, né?! E diziam "E esses jovezinhas não aguentam não, vão logo vir embora". E no final foram os jovens que aguentaram!

Chico Varela
(Francisco Varela, Aldeia Novo Acordo)

- ❖ Vamos organizar uma demanda e apresentar à FUNAI para demarcação de uma nova Terra Indígena do povo Shawādawa na área entre o rio Cruzeirinho do Vale e o Igarapé Afluente, que ainda permanece como área indiscriminada. É uma área onde os brancos caçam, tiram madeira e botam pasto, por vezes bem perto da TI, fazendo invasão de caçada.
- ❖ Vamos demandar ao ICMBio a revisão da demarcação da RESEX Riozinho Liberdade, que foi feita de maneira incorreta, criando uma grande sobreposição de área da RESEX sobre a nossa Terra demarcada, na região de nossa área de refúgio.
- ❖ Qualquer pessoa estranha e todas as organizações governamentais e não governamentais só podem entrar na Terra Indígena após informar e consultar as lideranças de nossa Terra que vivem nas aldeias.

Como fica a situação dos brancos que estão invadindo as terras? Já foi encontrado lá no Val Paraíso. As duas vezes que foram toparam gente e os moradores de lá também foram caçar e toparam outras vezes e ainda não foi tomada nenhuma providência. No caso, como agora, nos acordos que foram fechados, nós aqui fomos proibido caçar de cachorro, pescar de oaca... e nós vamos fazer a nossa parte. E eu quero saber como vai ser feito com os brancos. Porque não dá pra gente fazer os acordos aqui, nós muitas vezes passando necessidade, com fome, e não poder matar uma cutia, não poder pegar um peixe de bicheira enquanto os companheiros brancos lá matando pra comer e vender o que puder. Não adianta só a gente fazer a nossa parte e os brancos ficarem invadindo na nossa Terra. Isso pra mim é uma preocupação. Nós temos que tomar as providências. Como agora, que os meninos foram e toparam os cariús com duas espingardas. Aí o certo, se fosse levar a sério mesmo, tinha que tomar as armas deles porque não adianta a gente querer fazer as coisas do jeito certo e os brancos fazerem do jeito que eles querem, sabendo que já tem o limite. Quando não tinha, que não dava pra ver, tava certo que eles passavam e não sabia nem onde era. Mas nós abrimos, já tá lá o pique, todo mundo que passa lá vê, então não dá mais pra teimar. É tomar as providências!

Aldo (Aldo Lima de Melo,
agente de saneamento básico (AISAM), aldeia Santo Antônio)

Nós podemos acionar os poderes públicos, porque não é da responsabilidade dos nossos AAFIs fazer a fiscalização, e sim da competência da FUNAI e da Polícia Federal. Então terminando aqui, nós receberemos esse documento e já lançamos pra FUNAI e pra Polícia Federal pra tomar as devidas providências, com toda a segurança.

**Raimundo (Raimundo Lima de Souza,
cacique geral, aldeia Foz do Nilo)**



É um sonho meu, isso da nova Terra no Cruzeiro do Vale. Nós não estamos pedindo ampliação, nós estamos pedindo nova Terra. Que vá por aqui [da aldeia foz do Nilo], desce na cabeceira do Riozinho Cruzeiro do Vale, e a gente descobriu o derradeiro igarapezinho do Rio Cruzeiro do Vale, através do mapa. A nossa posição era lá. Mas nós temos amigos que podem orientar a gente, que é importante a gente descer pela cabeceira do Rio Branco, pegando uma banda do Rio Branco. Porque o dāwa (não indígena) é teimoso. Nós tiramos daqui do Nilo, o INCRA botou aqui e eles continuam fazendo do mesmo jeito. Mas se nós conseguirmos [a nova Terra], eles vão ficar

com medo: “poxa, duas vezes, daqui a pouco estão tirando o Cruzeiro do Vale todo! Nós não vamos mais pra lá não!”. Aí nós dizemos “ah mas é nossos companheiros!” Cara, é nossos vizinhos, nossos conhecidos... mas eles lá na terra deles, e nós na nossa. Então somos conhecidos, compramos, pagamos, eles compram de nós, pagam... mas eles lá e nós cá! E nós vamos fazer esta tentativa, nós pedimos! Nós com esse mapa que chegou na nossa mão, estamos fazendo esse pedido. Eu espero que seja conseguido. Não é difícil a gente pedir, se o Governo quiser dar, dá. Se não quiser, já é dele, mas nós pedimos.

Doca



9 GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL INTEGRADA

Em nosso novo Plano de Gestão, nós tomamos o cuidado de registrar o nome das comunidades que são nossas vizinhas¹ no Projeto de Assentamento Cruzeiroincho do Vale porque precisamos melhorar e fortalecer muito as ações de gestão integrada em parceria e vizinhança com os moradores do entorno. Muitas vezes os moradores do entorno não sabem o que pode e não pode fazer porque o INCRA não apoia com conscientização e assessoria técnica.

- ❖ Vamos organizar reuniões, palestras, oficinas comunitárias e nas escolas para discutir temas de interesses comuns entre a Terra Indígena e o Projeto de Assentamento Cruzeiroincho do Vale e reforçar nossos acordos.
- ❖ Vamos estabelecer parcerias para que as famílias nossas vizinhas moradoras do Projeto de Assentamento Cruzeiroincho do Vale tenham alternativas para segurança alimentar, geração de renda, e para reflorestar suas comunidades e preservar e recuperar o rio Cruzeiro do Vale. Em todos os projetos que a nossa Terra conquistar, vamos incluir apoio também para nossos vizinhos, como viveiro de mudas, hortas, sementes, ferramentas, cacimbas, galinheiros e outros.
- ❖ Nós indígenas também devemos pedir autorização aos nossos vizinhos em casos de necessidade de algum recurso que seja do lado do Projeto de Assentamento Cruzeiroincho do Vale, como caça, palha e pesca.

¹ Raimundo Vale, Palestina, Anorato, Igarapé, Wanderlan, João Eudes, Foz do Nilo, Danilo e Zé Gonçalves, Benfica, Mororó 1, Mororó 2, Dalas, Boa Vista, Roma 1, Roma 2 e Boca do Rio Branco.



Nas invasões, tem que estar dentro do Plano uma ideia para os responsáveis dos assentados, que é o INCRA. O INCRA chega, loteia, tira a terra, dá o título, mas não coloca pra eles como é pra viver dentro daquele território. Então eu acho que muitos deles são inocentes por isso. Tem que estar dentro do nosso Plano a parceria com o órgão competente tanto da fiscalização dos territórios indígenas como também com o INCRA, o ICMBIO, ou quem seja responsável pelos assentados. De ter essa parceria, de ter essa conversa com as lideranças indígenas junto com os seus responsáveis que é o INCRA, pra ter essa conscientização. Nem o índio poder pegar caça dentro do território do assentamento e nem os assentados podem tirar as nossas caças dentro do nosso território, sem conscientização tanto dos índios e nem dos índios sem a conscientização dos brancos.

Janison Baya Kuny Shāwāḍawa Varela



10 PARENTES QUE MORAM FORA DA TERRA INDÍGENA

O indígena Shawãdawa, onde ele estiver, na aldeia ou na cidade, permanece sendo Shawãdawa. Muitos indígenas Shawãdawa foram morar na cidade para estudar, trabalhar em algum serviço ou instituição, indicados pelas comunidades e em combinado com suas famílias. Para os Shawãdawa, é muito importante que os parentes que saiam para estudar e trabalhar estejam pensando em contribuir para vida na Terra Indígena com seus estudos e atividades.

- ❖ Mas nenhum Shawãdawa que mora fora da TI pode falar em nome da Terra e do Povo Shawãdawa, nem se beneficiar em nome do Povo Shawãdawa, sem o consentimento e o acordo com as lideranças das aldeias que vivem na Terra.
- ❖ Vamos fazer um documento e enviar para todas as instituições governamentais e não governamentais e parceiras, informando quem pode responder pelo povo Shawãdawa da nossa Terra Indígena Arara do Igarapé Humaitá.

Hoje o povo Shawãdawa tem pessoas em quase todo o estado do Acre e fora. Hoje nós temos Shawãdawa em São Paulo, no Chile, em Rio Branco, em Cruzeiro, em Thaumaturgo. Nós temos Shawãdawa em Mâncio Lima, Porto Walter, Brasília...

É qual a dificuldade hoje que nós estamos sentindo, num ponto cultural, que a minha revolta é isso. Hoje nós temos pajé fazendo pajelança em nome do povo Shawãdawa, em vários lugares do Brasil, vendendo rapé, vendendo ayahuasca, se representando como pajé, como cacique. E isso já foi discutido, pra gente dar um basta nisso. Até que eu gostei do que aconteceu agora na conferência da Ayahuasca. Foi discutido que só pode sair o nosso rapé, a nossa ayahuasca, a nossa folha, se tiver a assinatura do nosso cacique geral. Esses que estão fora da Terra Indígena, que vende rapé, que faz transporte de Ayahuasca, eles vão ser presos pela Polícia Federal nos aeroportos de Rio Branco, de Cruzeiro do Sul, onde for preciso. Eu achei bom, para acabar com isso. E tem várias pessoas que fazem esses tipos de danos.

Zé Maria

Com relação aos parentes que moram fora da Terra Indígena, parece até que nós estamos brigando com eles, e eles contra nós. Mas por outro lado, a gente vê como eles estão usando o nosso nome de má fé. Primeiro porque eles não foram mandados e nem eles não foram autorizados pelas lideranças pra estar falando no nosso nome, lá fora. É errado? É.

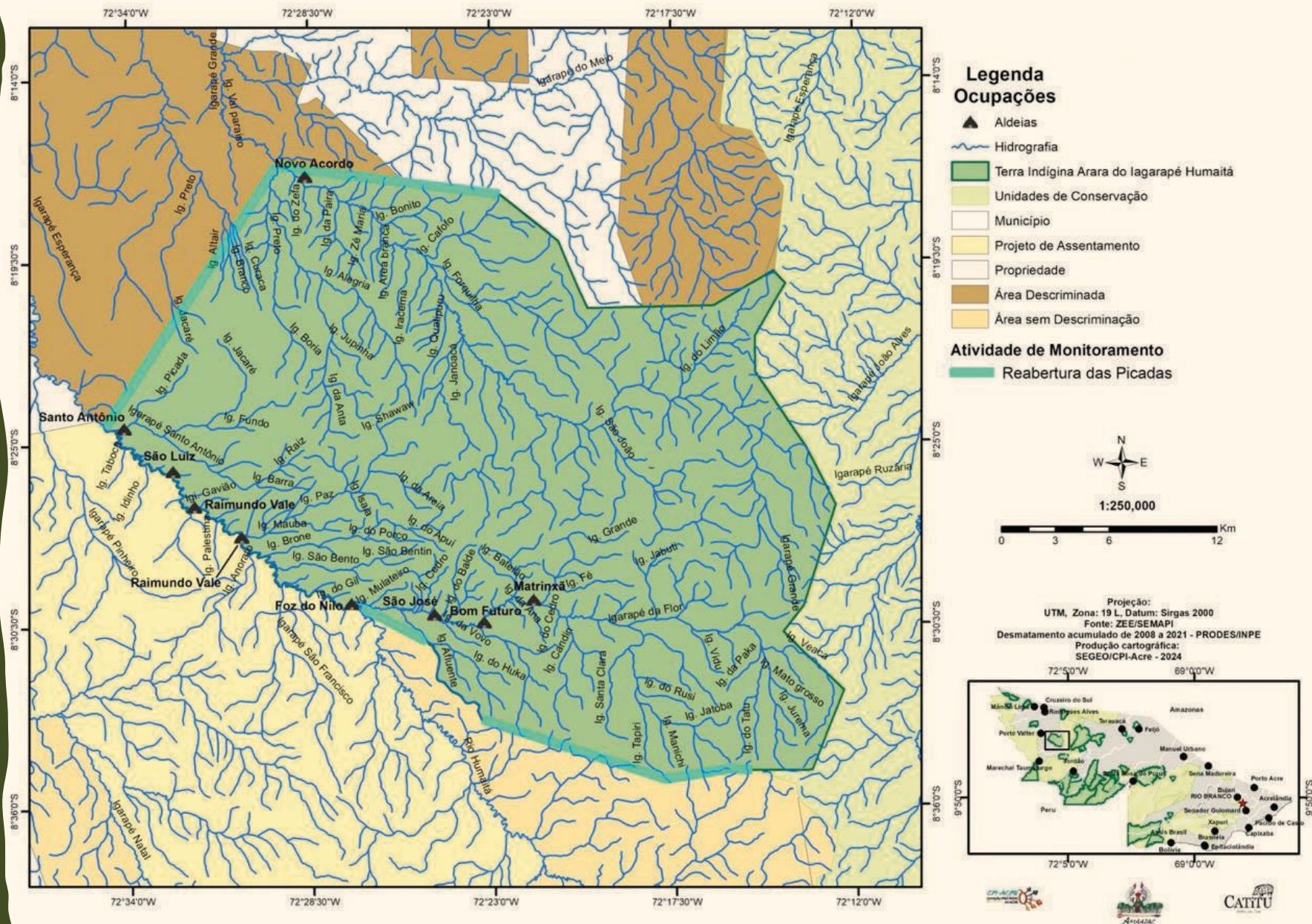
Segundo, se eu morar fora da Terra Indígena eu não posso montar minha empresa falando em nome do meu povo sem ser autorizado, como onde tem uma empresa de roupa comercializando, falando no nome do povo Shawãdawa sem ter autorização do povo Shawãdawa pra ele poder fazer esse tipo de coisa.

Doca

Dentro dos trabalhos de como vem sendo realizado da ayahuasca, da medicina, o cacique já colocou um ponto que é muito importante, que cada povo, que cada etnia tem que ter o seu CNPJ, o seu instituto, pra defender diretamente todo tipo de medicina que o povo conhece dentro do seu território. Essa é uma parte que está sendo realmente contemplada, de fazer essa parte de representatividade, que os nossos parentes realmente estão lá fora fazendo. Eu vejo que deveria ter um rumo que a gente possa estar trabalhando, sobre a conscientização dessa representatividade fora da aldeia. Em qualquer canto que o parente estiver, se ele estiver defendendo a sua própria identidade, ele é o índio em qualquer lugar do mundo. Mas existe a diferença de como apresentar os trabalhos fora da Terra Indígena. E esse pessoal está divulgando como trabalho do povo Shawãdawa. E dentro disso não vem uma troca pra fortalecer a nossa própria identidade. Precisa difundir um pouco dessa importância pra nós, de como a gente pode estar prosseguindo. Falta um piloto de frente pra dominar essa parte, do nosso prosseguimento, do nosso encaminhamento. Não tendo isso até agora, aí o tempo todo fica desse jeito, mas depois que definir aí as coisas podem melhorar.

Tucundi
(Antônio Alexandre Pereira,
professor, aldeia Raimundo Vale)

MAPA DA TERRA INDÍGENA ARARA DO IGARAPÉ HUMAITÁ





11 EDUCAÇÃO ESCOLAR SHAWÃDAWA



- ❖ Os pais têm a responsabilidade de mandar os filhos para as escolas, incentivar os estudos em casa e fortalecer a educação indígena diferenciada. Incentivar os conhecimentos tradicionais da cultura Shawãdawa, como o trabalho na roça, a pesca, o artesanato, as medecinas e alimentação tradicional.
- ❖ Os professores devem estimular os estudantes a pesquisar a língua Shawãdawa, a cultura e a história do povo e da TI Arara do Igarapé Humaitá e devem melhorar muito na parte da educação escolar indígena diferenciada, trabalhando com atividades pedagógicas que valorizem a língua e a cultura Shawãdawa.
- ❖ Os professores e diretores de escola devem convidar agentes agroflorestais, os agentes de saneamento, os agentes de saúde indígenas e representantes da cultura, das mulheres, pajés, para participarem do planejamento do ano letivo.
- ❖ Vamos formar o Conselho Escolar da Raimundo Vale - Paz - Santo Antônio e da foz do Nilo - São José - Bom Futuro - Matrinxã.
- ❖ Vamos finalizar a revisão da Gramática Shawãdawa até maio de 2025 e fazer o Projeto Político Pedagógico Shawãdawa até dezembro de 2025.
- ❖ Vamos atualizar um único calendário escolar para todas as escolas, indicar um coordenador de ensino e enviar para o conhecimento da Secretaria Estadual de Educação - SEE e da Secretaria Municipal de Educação - SEME, que devem respeitar nosso calendário.

Algumas pessoas falam “eu sou shawānawa”, eu falo “eu sou shawādawa”. Essas decisões têm que ser definidas pra colocar direitinho no vocabulário, principalmente no alfabeto, porque na hora que eu falo pode até entender mas se troca o n pelo d. Na hora de escrever “shawā”, tem pessoas que escrevem com sh e tem outras que escrevem com x. Tem que ter uma decisão tomada pra revisão da Cartilha, e sou de acordo que façam imediatamente e com os nossos falantes de origem, pra gente ouvir. No caso, tem a tia Branca, a tia Redonda, o tio Napoleão e os demais, pra palavra que está sendo ensinada lá no Matrinxã eu ensinar na Foz do Nilo, na Raimundo Vale e no Novo Acordo. Porque senão cada um vai falar de um jeito, vai escrever de um jeito, um diferente do outro.

Antônio Arara

(Antônio Pereira Lima, professor, liderança, aldeia Foz do Nilo)

- ❖ Vamos nos organizar e solicitar que a SEE trabalhe apoiando a Educação Escolar Indígena que é obrigação dela. Precisamos melhorar nossa educação nesses pontos que dependem da SEE:
 - 1) a construção de novas escolas com o espaço adequado e com modelo tradicional para atender as necessidades da aldeia, sendo bem equipado incluindo materiais, internet, impressora, datashow, materiais didáticos; fazer a reforma e a manutenção nas demais escolas. A escola tem que ter uma construção adequada, com espaço, ventilação e com recursos naturais da floresta;
 - 2) vamos cobrar a formação regular do Magistério Indígena para os professores Shawādawa;
 - 3) a contratação de um/a coordenador/a pedagógico Shawādawa;
 - 4) implementação da merenda escolar indígena diferenciada.



12 FORTALECIMENTO DOS AGENTES AGROFLORESTAIS INDÍGENAS AAFI SHAWĀDAWA

O AAFI trabalha com tudo relacionado com gestão territorial e ambiental, como manejo de recursos naturais como caça, pesca, água, palha, madeira de lei, medicinas... e tem grande importância para trabalhar o fortalecimento da cultura e dos conhecimentos tradicionais.

Um ponto central da formação e trabalho do AAFI é o fortalecimento da segurança alimentar com os plantios agroflorestais e a criação de animais domésticos. O que os AAFI orientam a criar e plantar serve para o consumo, a merenda escolar, para vender e gerar renda. Faz parte do trabalho do AAFI fazer parceria com a escola e os professores, dando aula como AAFI com agentes de saúde, agentes de saneamento, lideranças locais, mulheres e jovens.

A TI Arara do Igarapé Humaitá já conta com quatro AAFI formados no Ensino Médio Técnico Profissionalizante.

- ❖ O AAFI deve procurar sementes e mudas de outras aldeias, com vizinhos e nos municípios e em outras terras indígenas, para enriquecer suas aldeias.
- ❖ As comunidades e lideranças de cada aldeia precisam entender que o AAFI não é para trabalhar sozinho. Quando o AAFI convida as famílias e lideranças, eles precisam participar. Mas os AAFI precisam convidar com tempo, fazendo reunião e planejamento, para que as pessoas possam se organizar para participar quando os AAFI convidam.
- ❖ Os AAFI da Terra Indígena Shawādawa do Igarapé Humaitá querem fazer viagens de intercâmbio para outras terras indígenas.
- ❖ Os AAFI novatos precisam ter garantida sua formação presencial e o governo do estado e os parceiros como a CPI-Acre têm que oferecer mais cursos de formação no Centro de Formação dos Povos da Floresta (sítio da CPI-Acre).

- ❖ É fundamental que o governo reconheça a categoria profissional dos AAFI, com contrato e salário permanente.
- ❖ Os agentes agroflorestais devem sempre divulgar a Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas (AMAAIAC) em todas as ocasiões, ajudando a fortalecer a organização de sua categoria profissional.
- ❖ Garantir roçadeiras para todas as aldeias e comunidades para realização da limpeza dos plantios agroflorestais.
- ❖ Vamos fortalecer e incentivar mulheres para serem agentes agroflorestais. Elas têm um conhecimento diferente e podem contribuir muito para o avanço do trabalho nas aldeias.



13 FORTALECIMENTO DAS MULHERES

A mulher não foi feita pra ficar só na cozinha. Mulher não foi feita para cuidar só dos filhos. Os filhos não são só da mulher não. Os filhos são do homem também. Então, quando tem uma reunião aí ele diz “eu não vou poder te levar, que o meu bote não cabe.” Cabe fulano, fulano, fulano, mas não vai levar você. “Fica em casa com as crianças, faz a comida.” Não é desse jeito. A gente está lutando por inclusão. Para vocês incluírem as mulheres, para elas terem uma vida ativa.

**Raquel Lima de Melo, professora,
aldeia Foz do Nilo**



Vamos apoiar mais as mulheres, vamos ser apoiadoras de outras mulheres! Por mais projeto voltado para as mulheres, por mais mulheres na área da educação, por mais mulheres na área da saúde, por mais mulheres na liderança, que tenha mais projetos voltados para as mulheres e homens. Vamos apoiar mais as esposas que vocês têm em casa. Vamos apoiar mais as filhas que vocês têm em casa e vamos apoiar mais as mães de vocês, porque vocês nasceram de uma mulher.

**Maria Elida (Maria Elida Ferreira Barbosa,
professora, aldeia Matrinchã)**

Ainda existe mulher que está sendo violentada pelo esposo, existe sim. Então nós colocamos aqui no Plano que nós precisamos de apoio. Nós precisamos de ter o nosso barco próprio, porque muitas vezes nós queremos uma reunião e muitas vezes o homem diz que não cabe. Não é todo homem que deixa a sua esposa vir pra reunião. Isso aí também é a violência. E por isso que nós precisamos de uma canoa pra nós mulheres também fazermos a nossa reunião.

**Lucilene (Lucilene Lima da Silva,
representantes geral das mulheres
shawãdawa da TI)**

A violência não é só bater, não é só chegar, pegar um pau e meter o pau e bater. A violência muitas vezes é por palavra. A gente pode ter tudo na casa, mas se tu não viver bem com a tua família, com o teu esposo, com teus filhos, claro que vai ser uma violência contigo, muitas vezes a tua mente fica assim... não sei nem falar, mas acho que quem passa por isso sabe como é. Muitas vezes os homens pensam que violência é só bater, mas não é só bater.

Nawa (Rosilda Maria Cordeiro da Silva, representante das mulheres da Aldeia Foz do Nilo)

Na parte de ter oportunidade de falar em reuniões, quando as mulheres estiverem falando, os homens devem ouvir. Porque se ela começar a falar e os homens começarem a falar baixinho, as mulheres vão ficar tímidas e não vão querer falar mais porque vão achar que vocês homens estão mangando delas. Então, vocês ouvem e dão apoio pra elas.

Ingride (Maria Ingride Varela dos Santos, estudante e cineasta, aldeia Foz do Nilo)

Sobre a violência, dos homens e das mulheres, quando os homens vão violentar as mulheres, e batem, dizendo "faz isso!", "faz aquilo!" E dizem "se tu contar, eu vou fazer pior contigo, se tu contar eu vou logo te matar!". Isso é uma coisa que deixa as mulheres muito tímidas, talvez a mulher até amarela fica, por estar triste. E nem fazer as coisas em casa direito não faz, por estar com aquele pensamento mal. E nem conversar não conversa, porque não sai da mente aquela coisa ruim.

Antes eu não compreendia o que é maltratar as pessoas, e a gente maltrata de várias formas. Eu peguei uma aula, com meus olhos fechados e o professor falando. A gente maltrata as pessoas dizendo mal palavra, é deixando passar fome, é batendo, é desobedecendo, a mulher diz "não faça isso não marido e o cara continua teimando, daí tá desobedecendo, tá maltratando também. Isso é pra gente ouvir. Eu fiz coisas, pra aprender, pra depois fazer um pedido que as pessoas não façam o que eu fiz porque não é bom e não dá certo. Então, as mulheres estão de parabéns.

Antônio Arara



As mulheres e os homens têm que viver com acordo. A mulher tá falando, o homem presta atenção e respeita o tempo da mulher. Quando o homem está falando, a mulher presta atenção e respeita o tempo dos homens. Não vamos desvalorizar as mulheres e nem desvalorizar os homens. A gente vê que antes desse projeto chegar aqui², as mulheres não tinham o seu tempo porque eram tímidas. Quando ela ia falar os homens ficavam cochichando baixinho. Como a Ingrid falou, elas pensavam que estavam mangando. Já ia parando de falar, porque a mulher é muito sensível. Se eu estou falando aqui, se o homem estiver cochichando com certeza eu vou achar que você está mangando, com certeza eu vou achar que eu não estou falando direito, que estou falando alguma coisa errada. Porque o homem ele sabe, já viajou muito, já participou de muitas reuniões. Eu vou ficar totalmente com vergonha de falar na frente dele porque ele já é acostumado a falar no meio de muita gente. E a gente pede muito apoio às mulheres, o jovem que está começando pede muito apoio das lideranças, que apoiem mesmo.

Diane (Katilane Pereira Varela, cineasta e representante geral dos jovens da TI)

² Projeto "Mulheres e Juventude na Proteção e Conservação do Território Shawãdawa

Eu acho que o casal tem que ter acordo, não tem que ter decisão só do homem como da mulher. No passado existia muito essa violência que a gente conhece. Então hoje eu acho que não dá mais pra acontecer essas coisas, porque tanto o homem como a mulher já têm o entendimento e o conhecimento.

Machucar e maltratar, não é só quando bate. A gente maltrata com palavra, a gente maltrata quando deixa sofrer, passando fome. A gente maltrata de várias formas. Então, maltratar não é só bater, pessoal. Uma das coisas é o respeito, que a menina falou, respeitar, ouvir, obedecer. Porque eu tenho um exemplo da minha família, de mim mesmo. Eu comecei a me organizar melhor dentro da minha casa, com a minha família, quando eu comecei a ouvir a minha esposa, a ouvir e respeitar, porque precisa disso. Nós temos que tentar apoiar, tentar ajudar. De que forma? Organizando, procurando recursos, procurando condições pra que possa reunir as mulheres, seja em que aldeia for.

Dim (Cacique da Aldeia Matrinchã)

- ❖ As mulheres precisam ter coragem de falar nas reuniões e devem ser respeitadas quando falam.
- ❖ As mulheres vão indicar uma representante por aldeia ou comunidade (representantes locais). Uma representante geral das mulheres já foi escolhida em assembleia, para organizar as mulheres dentro da Terra Indígena e representar as mulheres fora da Terra Indígena.
- ❖ É importante que os jovens e as jovens tenham consciência da responsabilidade de ter filhos, prevenir gravidez indesejada e assumir a responsabilidade pelos seus filhos.

- ❖ A violência contra as mulheres precisa acabar. Não existe só a violência física, também acontece muito a violência psicológica, e é violência também quando as mulheres são impedidas de sair de casa para participar de reuniões e outras atividades. Caciques e lideranças precisam tomar providências quando acontecer.
- ❖ É preciso ter mais formação para as mulheres e mais apoio dos homens para elas se formarem. As mulheres também devem ser indicadas e se apresentar para as funções (AAFI, AISAN, Agente de Saúde, enfermagem, professora, entre outras)
- ❖ As jovens precisam receber apoio dos pais, esposos e lideranças para estudar e se formar.
- ❖ Precisamos mais apoio dos homens para os trabalhos das mulheres que fortalecem a cultura.
- ❖ Precisamos de encontros para fortalecer a alimentação tradicional, contando com o apoio dos homens.
- ❖ Vamos fazer encontros com os mais velhos e mais velhas para fortalecer a língua.
- ❖ Fortalecer o parto tradicional nas aldeias com mais condições de trabalho para as parteiras indígenas. As parteiras precisam de materiais para realizar seu trabalho, combustível para fazer visitas às comunidades e acompanhar as visitas da equipe de saúde às gestantes indígenas.
- ❖ Precisamos de barco com motor e motorista para as parteiras fazerem visitas de acompanhamentos e partos e para as atividades das mulheres, como um todo.

Vou falar de um ponto que ninguém ainda falou. É um ponto que eu vejo que é a valorização das parteiras indígenas, né? Que a gente precisa dar essa valorização, né? Primeiramente, eu peço que as lideranças lutem mais para que as parteiras indígenas sejam reconhecidas, para que ela possa ter e o recurso para ela. Por que aqui a parteira não tem o seu próprio bote? Por que a parteira não tem seu próprio motor? Muitas vezes a parteira não tem nenhuma luva para quando a mulher chega para dar à luz, para ela fazer o trabalho de parto. A minha mãe é parteira, eu vejo isso, não tem valorização das parteiras indígenas! E começa também pelas mulheres, né? As mulheres engravidam, não tem mais fé nas parteiras indígenas daqui da aldeia, vai para Porto Walter. Chega lá vai ter um técnico de enfermagem ou enfermeiro que não tem nem tanta experiência para estar ali cuidando da gente. A parteira não, ela tem toda aquela experiência, né? A minha mãe é uma parteira. Acontece de criança que está muitas vezes virada na barriga da mãe e ela dá o jeito dela. Então, a parteira indígena ela sabe de outro remédio tradicional. Ela sabe fazer aquele chá para a mulher, ela sabe fazer aquele caldo que ninguém no hospital sabe fazer, né? Então é isso que eu peço que vocês valorizem mais as parteiras indígenas, porque é muito bom pra nós.

Raquel Lima de Melo

14 FORTALECIMENTO DA JUVENTUDE

- ❖ Precisamos fazer mais festas tradicionais, cultura, brincadeiras e jogos tradicionais para reforçar a ligação da juventude com a cultura Shawãdawa.
- ❖ As drogas e bebidas alcoólicas precisam acabar na Terra Indígena. Os mais velhos precisam dar exemplo aos mais jovens e fazer reuniões para conversar sobre esse assunto.
- ❖ É importante envolver mais a juventude nos projetos e reuniões.
- ❖ Todos precisam valorizar as ideias da juventude que trazem um futuro melhor.
- ❖ Manter e melhorar o ensino médio na Terra Indígena, garantindo transporte para os alunos.
- ❖ Os pais, os mais velhos e as lideranças devem incentivar a juventude, principalmente os que querem desistir de estudar.
- ❖ Fortalecer os grupos de jovens de cada aldeia, com visitas e intercâmbios entre jovens.
- ❖ É importante ter mais formações para a juventude (informática, agente agroflorestal, audiovisual, monitoramento territorial, piloto de lancha e outras).
- ❖ Precisamos de representantes da juventude para animar os grupos de jovens e organizar a participação nas atividades, contando sempre com apoio das lideranças.

A gente pede muito apoio, as mulheres, os jovens que hoje estão começando, pede muito apoio das lideranças, que apoiem mesmo! A gente tá muito feliz de participar da reabertura da trilha da Terra. Porque eu não conhecia o meu território, eu só ouvia falar. Mas hoje eu conheço e sei da dificuldade e sei do que eu já passei por lá, plantando [as árvores do marco verde]! Água no joelho! Já fui mais o Genival, Kãdashawã e a Jamile. Mergulhamos no igarapé pra poder plantar! E hoje a gente tá aqui. Já encontramos com invasores, que hoje a gente tá sendo ameaçado. Mas é com orgulho, porque a gente tá conhecendo o nosso território, com orgulho de falar pra eles que nunca vamos deixar eles entrarem na nossa Terra! Nunca vamos deixar eles invadir! Porque somos indígenas guerreiros!

Catilane Pereira Varela



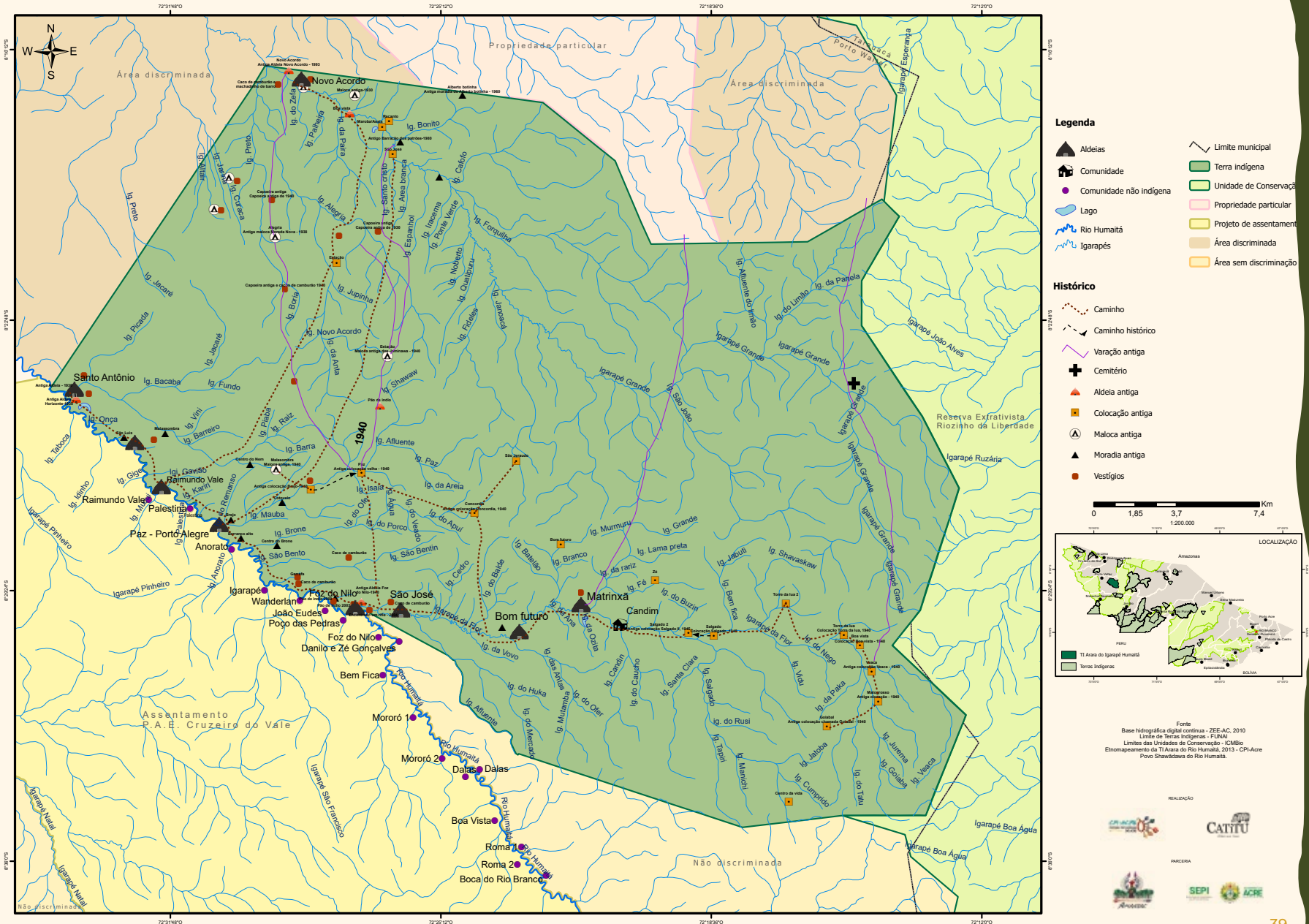
15 CULTURA E ARTESANATO SHAWÃDAWA

PROPOSTAS DAS MULHERES E JOVENS

- ❖ Reforçar as brincadeiras e festas tradicionais e a língua Shawãdawa nas aldeias e comunidades.
- ❖ Vamos realizar anualmente, como já vimos realizando, o nosso Festival de cultura Shawãdawa, sempre no mês de janeiro.
- ❖ Fazer mais oficinas e projetos para fortalecer o artesanato, como miçanga, palha, tecelagem e cerâmica. As mulheres precisam de materiais, ferramentas (furadeira, máquina de costura, etc.) e local para fazer artesanato.
- ❖ Fortalecer a alimentação tradicional, como caiçuma, vovobisku, kawá, poncho, daká, através das famílias e durante os festivais e cursos.
- ❖ Os jovens devem procurar os mais velhos e mais velhas para que sejam ensinados sobre os conhecimentos culturais de língua, artesanato, culinária e outros.



MAPA HISTÓRICO DA TERRA INDÍGENA ARARA DO IGARAPÉ HUMAITÁ



16 SAÚDE NAS ALDEIAS

Eu sou agente de saneamento, por isso vou falar sobre lixo. Em muitas aldeias ainda faltam reuniões pra isso. Eu e o Doca somos treinados pra cuidar dessa parte e informar como se trata o lixo. Em algumas aldeias está sendo demandada a parceria com a Secretaria de Meio Ambiente do município e precisamos desse cuidado. Se você subir o rio Nilo você vai topar camisa, calça, cueca, atrepado nas tabocas. O Cruzeiro do Vale não é só nosso. Diferente do Rio Nilo que é só dos índios, e os agentes de saneamento ganham pra fazer isso, pra conscientizar as comunidades.

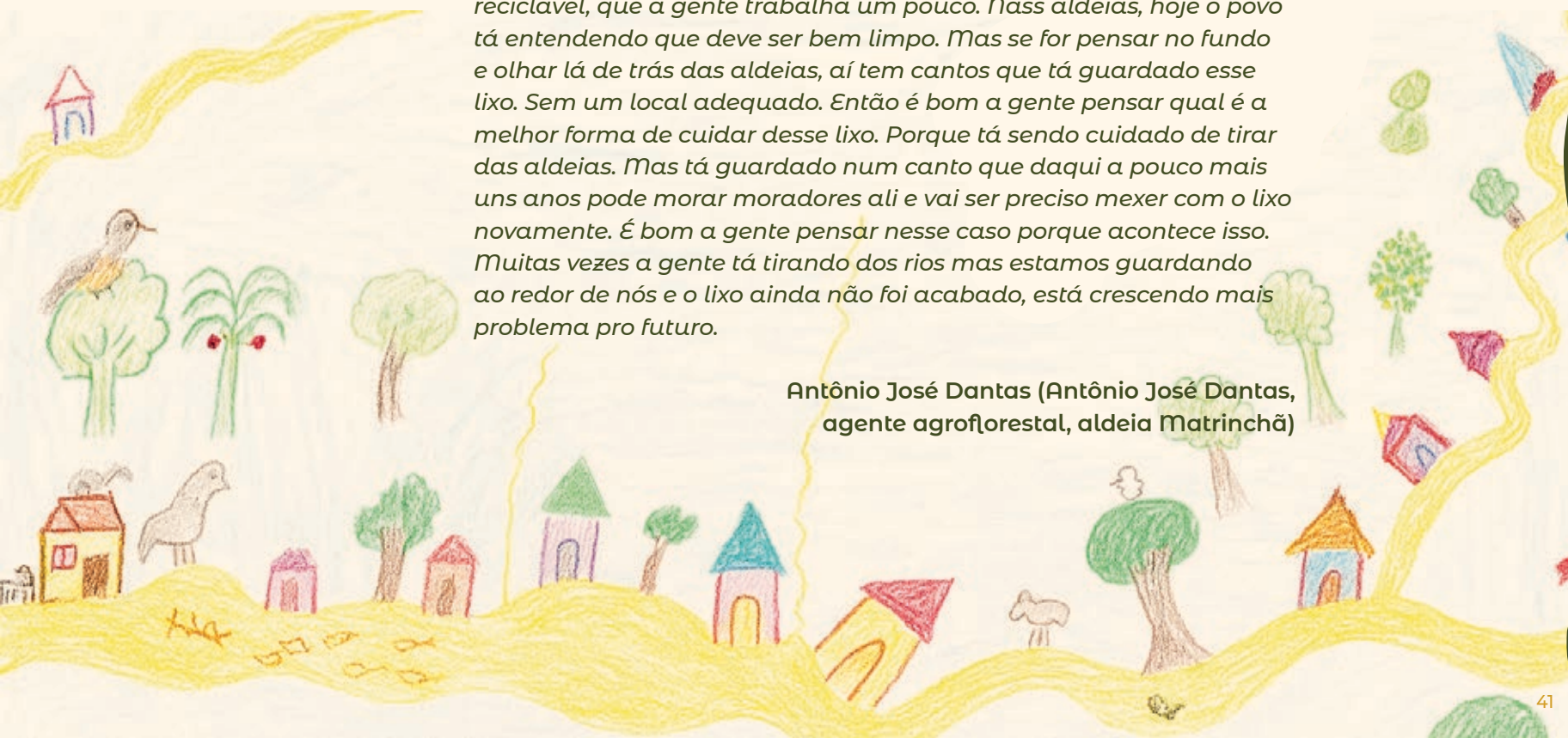
Zé Maria

Cuidados com o lixo (propostas do grupo de mulheres e agentes de saneamento)

- ❖ É proibido jogar lixo nos rios.
- ❖ Temos que aproveitar o lixo orgânico, que são os restos de alimento e folhas, para fazer compostagem e servir de adubo para as hortas e plantios agroflorestais.
- ❖ Cada família deve ser responsável e cuidar do lixo do seu próprio quintal e separar o lixo não orgânico para levar para a cidade.
- ❖ Os Agentes de Saneamento vão solicitar da prefeitura o apoio devido com combustível para que possam levar o lixo não orgânico para a cidade, principalmente os lixos mais perigosos, como pilha, bateria, latas e fralda.
- ❖ Visitantes e comerciantes devem ser orientados a levar de volta para cidade o lixo que trouxeram para as aldeias em festividades e outros eventos.
- ❖ Com a mediação do Distrito Sanitário do Alto Juruá, vamos reforçar as parcerias com as Secretarias Municipais de Educação, Saúde e Meio Ambiente para garantir a destinação do lixo.
- ❖ Vamos cobrar da SESAI a continuidade da formação dos AISAN e AIS.

Na minha aldeia eu bato muito forte fortalecendo a orientação do lixo, junto com a equipe de saúde. Hoje na nossa Terra Indígena tem três tipos de lixo que eu conheço, que a gente usa no dia a dia. Que é o lixo orgânico, que é o melhor pra nós. Se souber trabalhar com ele, vai ajudar até as nossas plantas. O lixo resíduo sólido que é o mais forte, o mais poderoso pra infectar a terra e até nós; e o reciclável, que a gente trabalha um pouco. Nass aldeias, hoje o povo tá entendendo que deve ser bem limpo. Mas se for pensar no fundo e olhar lá de trás das aldeias, aí tem cantos que tá guardado esse lixo. Sem um local adequado. Então é bom a gente pensar qual é a melhor forma de cuidar desse lixo. Porque tá sendo cuidado de tirar das aldeias. Mas tá guardado num canto que daqui a pouco mais uns anos pode morar moradores ali e vai ser preciso mexer com o lixo novamente. É bom a gente pensar nesse caso porque acontece isso. Muitas vezes a gente tá tirando dos rios mas estamos guardando ao redor de nós e o lixo ainda não foi acabado, está crescendo mais problema pro futuro.

**Antônio José Dantas (Antônio José Dantas,
agente agroflorestal, aldeia Matrinhã)**



CUIDADOS COM A ÁGUA

Propostas das mulheres e agentes de saneamento

Em 2024, após a Oficina de Atualização do PGTA da Terra Indígena Arara do Igarapé Humaitá, através da parceria com a Prefeitura foram construídos poços artesianos, nas aldeias Santo Antônio, Raimundo Vale, Paz, Foz do Nilo e está sendo construído no Matrinchã.

Eu moro na São Luiz, é uma terra muito alta, e nós conseguimos uma cacimba lá de um olho d'água. E nós utilizamos água só daquela cacimba pra gente beber. E cada mês é uma casa que zela aquela cacimba. E nós utilizamos muito a água da chuva também pra beber. E como nós usamos a água da chuva? Nós deixamos dar a primeira, a segunda, a terceira chuva pra limpar o telhado da nossa casa. Aí depois é que a gente apara aquela água e coa e clora. Todo mês o tio Zé Maria passa deixando cloro pra nós. Aí nós usamos aquela água. E a cacimba é a mesma coisa.

Fátima

(Maria de Fátima Pereira, cineasta, aldeia São Luís)

Eu quero dizer pra nós, que água ela é vida. Não é porque eu tenho um poço artesiano na minha aldeia que eu vou poluir a água do rio Cruzeiro do Vale. Eu posso ter um poço, mas não é porque eu tenho que eu vou fazer isso. Eu sou viajante, a minha família é viajante, então nós temos que cuidar do rio, da água do rio.

Outra coisa que precisa é a gente cuidar bem da nossa água. Faz que nem minha mãe, eu que sou eu, às vezes eu subo aqui no rio Nilo e eu não levo água, porque eu confio na água do rio Nilo. E ela precisa ser mais bem cuidada. Falta de reunião, falta de palestra não é. Não é todos os pais de família que fazem isso, que jogam o lixo dentro do rio, mas tem alguns que fazem isso. E lixo, é isopor, é roupa velha, é saco plástico, é cachorro podre, é porco podre, é couro de boi, é pé de boi, é fato de paca, é fato de porco... Poxa, eu tô bebendo aqui do poço, mas o meu vizinho ali embaixo tá pegando água do Cruzeiro do Vale e precisa zelar pra não poluir essa água. Porque se ela for poluída nós vamos adoecer. Os nossos vizinhos, nós mesmos, a nossa família vai adoecer, porque somos viajantes. Então, vamos cuidar mais da beira do rio Cruzeiro do Vale, não vamos derrubar mais a beira do rio Cruzeiro do Vale. Pede pros txais que tão brocando aí todos os anos na beira do rio que parem com isso.

Doca

- ❖ É necessário que sejam construídos poços artesianos, nas aldeias Bom Futuro, São José, São Luiz, Porto Alegre e Novo Acordo e Comunidade do Candim.
- ❖ Importante conseguir projetos através de parcerias para construção de cacimba para as famílias que ainda não foram contempladas.
- ❖ Vamos melhorar as formas de fazer captação de água da chuva, porque temos um período grande de chuva e neste período as águas dos rios, igarapés e cacimbas às vezes estão inadequadas para consumo e os poços nem sempre funcionam.
- ❖ Vamos aumentar o número de caixas de água nas aldeias, principalmente pela iniciativa das próprias famílias.

Bebida alcoólica e outras drogas

É proibido comercializar bebida alcoólica dentro da Terra Indígena.

Nós temos nosso conhecimento e nossas medicinas tradicionais como o *uni* (ayahuasca) que fortalecem a cultura e a identidade do povo Shawãdawa e que são uma alternativa muito forte para enfrentar o uso da bebida alcoólica e outras drogas dentro da Terra Indígena. Temos também nossa caiçuma forte, que é nossa bebida tradicional do povo Shawãdawa.

- ❖ Vamos exigir da prefeitura, dos parlamentares, das equipes de saúde e outros representantes governamentais que cumpram a lei e não tragam bebida alcoólica para dentro da Terra Indígena, comunicando por documento oficial essa reivindicação.
- ❖ Vamos cobrar a parceria da FUNAI e da Polícia Federal para que tomem providências quando houver uso indevido de bebida alcoólica e de drogas e ocorrências graves relacionadas, dentro da Terra Indígena.
- ❖ Vamos comunicar às autoridades competentes para que tomem as devidas providências sobre não indígenas que morem na Terra Indígena, quando insistirem em usar e vender bebida alcoólica e outras drogas dentro da Terra Indígena.
- ❖ É proibido usar bebida alcoólica e outras drogas nos campeonatos na Terra Indígena e se descumprir vamos suspender o campeonato.
- ❖ As lideranças e a Associação vão fazer um documento quando for o caso de solicitar às instituições competentes que suspendam o salário dos funcionários que trouxerem bebidas e outras drogas para Terra indígena.
- ❖ As lideranças indígenas devem apoiar as famílias que têm problema com bebida alcoólica e drogas, dando boas orientações para ajudar a família a resolver a situação.

17 FORTALECIMENTO DA ORGANIZAÇÃO SHAWÃDAWA

Neste ano de 2025, a Associação Agroextrativista do Povo Shawãdawa do Igarapé Humaitá (APSIH) está com toda documentação regularizada e em dia e já temos um projeto aprovado para criação de animais e publicação do nosso PGTA.

Fundamos também em 2024 o Centro Cultural Kãda Shawã Kaya, para fortalecer a cultura e a identidade do povo Shawãdawa.

- ❖ 42 lideranças formam o Conselho de Lideranças do Povo Shawãdawa e devem ser consultadas sempre que alguma decisão importante precisar ser encaminhada.
- ❖ Os caciques e a diretoria da Associação, os representantes das mulheres e jovens são as pessoas que podem fazer a representação e a articulação política do povo Shawãdawa diante de governos, financiadores e parceiros.
- ❖ Vamos informar as comunidades das aldeias sobre o objetivo da Associação, realizar Assembleia Geral em 2025 para eleger a nova diretoria, atualizar o Estatuto, definir os critérios para admissão de novos sócios e fazer o cadastro dos sócios, organizando reuniões em cada aldeia.
- ❖ Vamos procurar parcerias para fortalecer e formar a nova diretoria e nossas organizações e começar captando pequenos recursos para praticar iniciativas de gestão de recursos e projetos próprios, auxiliando no aprendizado da gestão financeira e na prestação de contas.



Entrevista com **CHICO VARELA**

19 de novembro de 2024

Aldeia Novo Acordo
TI Arara do Igarapé Humaitá
Porto Walter, Acre.



Entrevistadoras:

Nawa (Rozilda da Silva)

**Cailândia (Maria Cailândia
Pereira Varela)**

Fátima (Maria de Fátima Pereira)

Boa tarde, Fátima, Cailândia, Nawa, e Maria Antônia e o Papa também, aqui na aldeia do Novo Acordo. Eu sou Chico Varela. Vocês vieram pra eu contar uma história pra vocês. Os meninos contaram uma história, mas não foi do jeito que aconteceu, eles erraram um pouquinho. A gente vai dar o início da história pra vocês, mais declarado, pra vocês ficarem sabendo como foi.

Foi em 1983, nós fomos pro novenário em Cruzeiro. E por lá no final do novenário, no dia 15 de agosto, no dia da procissão, eu tava ali no hotel Pacífico e topei com o André Katukina e o Mauricio Katukina e um txai cabelão que era o Macedo. Eu não conhecia esse pessoal, os Katukina. E o André perguntou onde eu morava. Aí eu disse que morava aqui no Riozinho Cruzeiro do Vale. E ele perguntou se eu não queria ir morar no seringal dele. Era nos Katukina, eles já tinham a aldeia deles demarcada nessa época. Aí eu fiquei em dúvida, fiquei pensando "rapaz, mas como vocês têm terra?". Que eu nunca tinha conhecido que índio tinha terra, que índio na época vivia nas mãos do patrão, no tempo da seringa, eles colocavam o seringal e mandavam os parentes ir embora. E aí eu fiquei pensando, "mas rapaz, como é que vocês têm terra?" E ele disse "foi o Governo que deu pra nós". Aí eu fiquei em dúvida, pensando, "rapaz, esse Katukina tá é mentindo".

Aí quando foi no dia 16, eu tava numa casinha que Armédio morava, no morro do Querosene, chamava o bairro da Gia. Aí eu tava deitado, quando a Nem chegou, disse "tem dois homens que

querem falar com o senhor". Aí, no novenário a gente já tinha tido um problema com os nawa, a gente tinha brigado com eles mais os parentes, eu, finado Kiko, o Doca, o finado Jorge... Aí eu tava cismado de sair. Eu estive pensando, e disse "eu não vou não"... Aí eu fiquei pensando... "rapaz, mas eu sou homem, eu vou ver quem são esses caras". Minha mãe foi e disse "eu vou mais você". "Então bora!". E eles já tavam esperando.

Nós chegamos mais a minha mãe, e eles já tavam todos os dois com o caderno na mão. Não era o Marco Antônio, era o Terri e o Macedo. E aí perguntaram, "txai, como é que tá você?", "rapaz, tá bom". E foi logo perguntando onde eu morava. Fez que nelm o Katukina também. E ele disse, "porque eu sou Macedo e aqui é o Terri e nós trabalhamos na Funai e queremos conversar com você. Nós mandamos te chamar pra conversar com você. Nós vamos tirar terra pra vocês também. Os Katukina aqui já têm a terra deles". Aí foi que eu me lembrei, "ah, por isso que eles disseram que tinha a terra deles", que eu não conhecia né? Só depois, no tempo que foi tirado [a terra] dos Nukini,

Poyanawa, outros parentes... Tava até os yawanawá, o finado Luiz tava também na reunião que nós tivemos pra ajeitar o negócio da nossa terra. Pra demarcar tudinho, sabe, que nessa época ainda não tinha, só era os Katukina que existia a terra demarcada.

Aí eu fui contando a história e eles foram perguntando como era que a gente vivia. Aí eu fui, falei pra eles. Perguntaram quantas pessoas que moravam no Riozinho. Eu digo "Rapaz, morava muito e ainda mora muito, mas não mora lá no Riozinho não, mora fora, mora pro Bagé ainda". "E quem é que mora lá onde você mora?" Eu fui e disse "mora eu e o meu sogro, que era o finado Cazuzá, e o compadre Osmar e o Zé Cazuzá e o finado Osmino, que era teu pai, né?. Os outros não moravam prali não, era só nós mesmo. Na Paz, que a gente morava. Compadre Osmino morava no Broni, eu morava na Paz e o Zé Cazuzá mais o velho Cazuzá moravam no Brejo. E o compadre Omar morava também no Broni mais o finado Osmino, morava perto um do outro. Aí ele disse "Rapaz, você volta pra tua casa e que lá agora é seu".

Aí foi logo anotando quantas pessoas tinha e perguntou por que era que os pessoal tinham vindo embora. Que foi na época... quem era? Que era o Genário e a finada dele. Aí que o Armédio foi embora pra Cruzeiro. E o Genário vendeu um princípio, nessa época chamava um "princípio", vendeu pro marreteiro, que até mora em Porto Walter, o Zé Pedrosa. Aí o finado Genário tomou a borracha do cara e mandou o Armédio embora. Aí o Armédio saiu. E aí o Gavião também foi embora. E foi embora o compadre Albanir também. Aí foi embora o finado Jorge. Sei que aí foram embora tudo. Só ficou só nós mesmo: compadre Osmino, compadre Osmar e o Zé Cazuzza e o teu avô (da Fátima). Tinha o Nabi também e foram embora tudo. Ficou só nós mesmo. Foram embora pra Cruzeiro, outros foram lá pro Canela Fina, outros foram pra Mâncio Lima. Albanir mais o Gavião foram pra Cruzeiro mesmo.

Aí mandei reunir os parentes. Pode voltar, e chamar esses que tão aqui, conversar com eles...

Fátima: Foi o Macedo ou foi o Terri que mandou o senhor reunir o povo?

Foi todos os dois: "porque lá agora é de vocês. Pode chegar lá e dizer pros

patrões que é de vocês agora. Digo "tá bom" Aí, época do novenário, tava tudo lá, conversei com eles, com os meninos, expliquei pra eles como eles tinham falado pra mim. Uns ainda ficaram em dúvida e outros não. Aí o Napoleão eu levei logo ele. Foi na época que ele tinha matado o cara né? Aí eu trouxe logo ele pra aldeia de novo. Aí eu subi, já fui avisando pros patrões que a terra não era mais deles, era nossa. Aí ficaram valentes, compadre véio Genário... mas ficaram com raiva! Aí eu fui avisando pros parentes e aí eu fui voltando. Nessa época, o compadre Albanir veio, mas foi embora lá pro São Sebastião, lá no Rio Branco. Tio Bonifácio morava num tal de... parece que era Fecho... Cachoeirinha. E o tio Antônio morava no Cachimbo. Tia Ceci morava no... como é.. mais finado Zé Gomes, pra dentro do Rio Branco também... No Solidão, parece... Ela morava lá com a tia Cecília. Zé Maria era pequeno. Aí vieram passear e souberam da notícia.

Aí quando eu cheguei de Cruzeiro, avisei compadre Genário. Genário ficou valente, né? E avisei pro Trajano, que já tava brocando ali onde Antônio Pereira mora, que ia ser a terra indígena. Aí eu cheguei, e tinham brocado ali, só não tinha derrubado. Ele tava lá mais os

empregados dele, e eu disse pra ele também. Topei com o funcionário do João Deodato. E eu "Trajano, adonde tu tá brocando tu pode parar que ali é nosso agora, ali é meu". Ele foi e disse "Quem foi que disse que é teu?" Eu disse "foi a Funai. Eles disseram que qualquer coisa que você quisesse saber mais de verdade, que fosse pra Cruzeiro e que ligasse pra eles". Ele disse, "quem é?" Eu disse "é o Macedo e o Terri". Aí ele foi, disse "eu vou já saber", aí desceu. Aí veio pra Cruzeiro. Daí pronto, ele não foi mais nem lá. Parece que conversou com eles e ele não foi mais. Aí ficou o serviço lá perdido. Depois foi Antônio Pereira mesmo quem derrubou. Aí foi indo. Aí eu fui ajuntando. O pessoal do Nogueira morava pro Liberdade. Morava só nós mesmo por ali. Até que minha filha, a gente foi lutando.

Aí ele foi [Funai], subiu, foi pro Bagé, e aí ele me perguntou, "Mas a tua terra não é no Cruzeiro do Vale. A tua terra é no Bagé. Terra dos Arara no Bagé. Tu num quer ir pra lá não?" Eu disse "Rapaz, pra lá eu não vou não. Prefiro ficar sem terra, mas pra lá eu não vou não". Ele disse "por que?", eu digo "porque é muito longe". "Sim, mas tem índio lá?" Eu digo, "tem uns índios ainda pra lá". Ele disse, "Quem é?" Eu digo, "Rapaz, tem

uns jaminawa pra lá". Aí ele foi e disse "Certo, então como você não quer ir... e a dona Judite, quer ir pra lá?" Ela disse "eu vou ficar onde o meu filho ficar. Nós já viemos de lá e pra nós é muito longe".

Fátima: e dona Judite era muito corajosa, né tio?

Era. Ela não era que nem essas outras "véia" não. Ela enfrentava mesmo. E ela me ajudava. Até que ela foi e disse "e agora nós vamos voltar". Aí nós reunimos os pessoal, os parentes que tavam em Cruzeiro e voltamos. Aí eu topei o tio Antônio, o Elde, Demétrio lá no Genário, na Boca do Nilo. Eu fui e avisei pra eles: "Rapaz, nós vamos conversar com papai. Se papai quiser vim, a gente vem embora também. Aí eles vieram. Foram lá, conversaram com o velho, aí o velho já veio embora também. E a tia Ceci também veio passear lá na nossa casa, a gente já tava no Engenho na época que ela veio. Aí já convidei ela também, ela disse que vinha embora. E o tio Bonifácio foi o derradeiro que veio também. Isso foi em 83, como foi? Foi em 82, foi 86... 86 já foi pra Rio Branco. Aí como foi... em 82... (dúvida). Sim, aí o Macedo foi e disse" agora nós vamos embora, mas vem outros!"

Aí eu tava no centro ainda quando chegou o Marco Antônio... Marco Antônio e o Leonardo... Leonardo era do Incra. E o outro... (pergunta pra alguém:) Você lembra daquele outro, aquele grandão que era da Funai também, não tô lembrado como era o nome dele... Sim, o Berluce... e tinha outro grandão também. Aí eles chegaram e já foram dizer que os cariús não podiam mais tá dentro da Terra Indígena, não podia ficar. Aí tinha um cariú, tava lá no porto do... ali acima do Onorato, onde tem aquele pé de buriti. Tava com a canoa amarrada, aí o finado Deomisio foi e disse "então eu vou já meter o terçado no cordão dessa canoa" e já foram avisando de novo que eles não podiam tá mais tá. Eles só tinham direito de colher o que eles já tinham plantado. A banana eles não podiam arrancar. O roçado eles podiam colher e não podia mais colocar roçado nem plantar mais coisa assim pra ficar na Terra, porque só ia ser indenizado aqueles que naquela época já tava plantado. Se eles plantassem de novo, daquele dia pra frente eles não recebiam a indenização. Sei que aí, minha filha, foi o Genário mais o Damião ameaçou tiro pra nós... aqui e acolá, mas Deus é bom né? A gente tava com medo, mas graças a Deus ficou tudo em paz.

Aí foi assim minha filha, luta... aí quando foi em 83... 85... a véia, a dona Judite era danada, foi pra Cruzeiro, aí eu já tava no Engenho do Genário. Aí a véia "já vou pra Cruzeiro". Foi sozinha mais o Panelada, que é o Piauí, né? (aponta), era pequenininho e gostava de andar mais ela. E disse que a gente fizesse uma casinha que ela já vinha com as mercadorias. Aí ela trouxe dois barcozinhos pequenos. E aí veio de tudo. Era panela, era tudo ela comprou. Aí o Macedo veio deixar mais ela e aquele Antônio Apurinã. E aí nunca que eu tinha visto falar de mariri, primeira vez que eu vi falar de mariri foi o Macedo né? Aí nós fizemos uma casinha pra guardar as coisas e ficamos aguardando a véia chegar. Ela chegou, nós tudo animado e o Macedo pegou um violão, não sei se era dele, sei nem de quem era, e começou a cantar. Tocava e cantava... Era do Gavião o violão. Aí Macedo falou que tinha um maririzinho que a gente dançava, nunca tinha ouvido falar, e ele foi ensinar, aquele jeito dele, carcudinho, cantando e dançando.

Daí ele [Macedo] ficou andando por aí e passou-se... Quando foi em 86 foi a primeira vez que eu fui pra Rio Branco. Ela [dona Judite] já tinha levado o finado

Jorge pra ser agente de saúde, foi o primeiro agente de saúde. Levou ele pra Cruzeiro.

Fátima: A terra não tinha sido demarcada e ela conseguiu as mercadorias....

Não, ainda não tinha sido demarcada, só tinha sido delimitado.

Fátima: aí levou o filho dela pra ser agente de saúde, o primeiro que surgiu na terra indígena.

Sim, ele foi em 86, na época que eu fui também. Eu cheguei lá ele já tava fazendo o primeiro curso que ele foi fazer, em 86.

Aí quando eu vim de lá, minha filha, nessa época foi que os meninos começaram andar mais eu. Eu não pegava no timão do motor. O Piauí, o Zé Maria... parece que às vezes tem coisa que o cara erra. Mas que sempre eu tenho dito, eu não ensinei coisa ruim pro Zé Maria nem pro Doca. Ensinei pra eles fazer coisa boa. Se eles fazem é porque eles querem né? Aí eles pegavam timão pra mim. Eu me lembro que aí depois tinha mercadoria, eu comprava borracha, comprava porco... eles eram pequeninhos... A gente saía... Aquelas pausadas, jogava a borracha tudo pra

fora. Ali acima adonde mora o compadre Chico, tinha um mulateiro. Lá nós encostava o batelão aí ficava jogando borracha dum lado pro outro.

Fátima: Mas o senhor comprava as borracha só dos indígenas ou era dos brancos também?

Não, era dos brancos também. Aí depois embarcava as borrachas tudo dentro do batelão de novo. E como eu levava porco, comprava do finado Antônio Nonato, da finada Nivea ainda eu comprei também. Aí Zé Maria mais o Piauí, os pobrezinhos ficavam tirando água de merda de porco... Aí levava eles, aí chegava lá, toda vida fui sem vergonha! Agora não, graças a Deus eu parei de beber, né? Mas aí eu ia beber e deixava os bichinhos jogando lá no paiol de arroz. É por isso que eles ficaram bom de bola, o Piauí e o Zé Maria, porque eles passavam o dia jogando bola e eu tomando cerveja no barco. Aí coloquei confiança neles dois, e às vezes eu ia, levava borracha, comprava mercadoria e digo "Zé Maria mais Piauí vocês sobem". Tinha um batelão grande que eles subiam e ficavam lá. E eu digo "tal dia vocês chegam". Aí se mandavam. Como era no dia que eu marcava, aí eu ia lá pra beira esperar eles. Aí quando

era 3 horas, eu conhecia o batelão, eles chegando. Eles lutaram muito mais eu, o Zé Maria e o Piauí.

Aí foi indo minha filha até que, nessa época, só era um pedacinho ali [de terra] que no fundo eu não conhecia né? Era pequeno, só era ali do Santo Antônio pelo Concórdia, parece que era 600 hectares, sei que era pequeno. Aí depois, quando foi 94, nessa época que eu já tava morando aqui em cima no Alegria. Eu tava ajeitando lá pra botar um roçado, era umas 8 horas... Foi o Piauí e o Terri e o Barriga... Foram. Vieram lá pra onde eu tava. Aí de lá, foi 94, neste tempo ele tava candidato a deputado, o Terri. E foi também. Aí dormiram até na mata. Foi 8 horas do dia, eles chegaram lá no Alegria. Tava cansado de brocar, cheguei lá, eles e o Piauí disse "tio, vim aqui mais o txai pra resolver mais uma terra pra vocês". Eu digo "como, rapaz? E o Terri "nós vamos aumentar!" Foi em 94. Aí foi aumentado de lá, esse lado do Val Paraíso. Quando foi em 1995 aí veio o Cloude, da Funai também pra aumentar de novo. Veio o Cloude, veio o Leonardo de novo, do INCRA, que era pra aumentar, né? Um tal de Antônio, da Funai também. Até morreu o Antônio. Aí, eles subiram pro Riozinho, pro Nilo.

Foram até as cabeceiras e eu fiquei. Quando foi em 1995 aí nós viemos, eu fui pra Foz do Nilo, eu fiquei na Foz do Nilo trabalhando mais um tal de Antônio, Zé. E eles subiram e quando eles desceram de lá, nós viemos e subimos aqui no Val Paraíso. Aí veio o Zé Maria, veio o Piauí, o Sapoçu que é o Tostãozinho, que era pequeno nesse tempo, ele era quem tirava açaí pra nós. Aí ele foi e perguntou o que eu achava, se tava bom essa nossa terra. Que tinha visto falar que tinha muita invasão, né? Digo "Rapaz, tem mesmo. Porque vem muito caçador aí de fora, até de Cruzeiro. Aí sobe, vão caçar, porque nosso lado é só um lado e eles entravam dizendo que ia caçar só do lado mas tinha deles que caçavam dentro da Terra Indígena também". Ele foi e disse "o que você acha?". Eu fui e disse "outra coisa também, que esse Cazuya é teimoso. Lá da onde nós moramos nós num pode caçar do outro lado, que é lá dos brancos. E o Cazuya tirou um pique no rumo de dentro, é por isso que pegou desse lado daqui, é por causa disso". Ele foi e disse "o Cazuya, ele caça, quantas horas dá mais ou menos?" Eu disse, "rapaz, dá umas duas horas". "Então pra lá vai ser seu também". Aí foi da vez que eles vieram que foi delimitado esse

outro lado daqui, que era pra não entrar ninguém, ficar só Terra Indígena. Que aí não tinha como eles entrar aqui, que não tinha mais direito. Foi e disse "e os brancos, vocês não mexam com eles, deixe eles aí até chegar a demarcação, que for a indenização deles e aí a demarcação". Aí ninguém mexeu, graças a Deus.

Depois que eu vim de lá, sempre eu tenho dito, eu trabalhei com os companheiros brancos, eu achei melhor que com os próprios índios, que índio às vezes é teimoso e os cariú não. Quando eu chegava, que eu dizia "vamos fazer assim" eles tudo concordavam, tudinho! Daqui era do Cacetão à família do Papa, com os tios dele, com os cariú que moravam aí tudinho. Graças a Deus eles me respeitavam bem, nunca ficavam com raiva de mim. A não ser os patrões. Sim, aí depois, desse lado aqui, como foi a questão: Era do Lino, Lino da Radi, do Marmude, eram dois irmãos, né? E um pedaço que era do mais valente, mas foi o mais manso que eu achei, que era o Manoel Lopes. E o Paulo Bossom, que disse pra Chica que nessa época morava aqui pro outro igarapé, pra cá, tempo que ela morava mais o Zé. Ele disse que apostava como eu não ficava

com o seringal dele. E a Chica disse que apostava como eu ia tomar o seringal dele. Sei que aí, graças a Deus, ele também não fez questão.

Aí eu fui pra Cruzeiro, levei uma borracha, eu tava até mais o Leandão, eu tava num barzinho mais o Leandro, nós conversando, quando o Marmude chegou e me bateu. Ele me bateu, eu caí bem eu sem ouvir. Ele me deu um tapa assim de mão aberta. Eu de costas, eu não tava esperando. Pá!! Chega, eu fiquei doido, doido, doido mesmo! Eu caí acolá, e pelejava pra levantar, ia aprumar e caia de novo. Era só eu e o companheiro, era só o tio dele, o Leondão. Aí o Leondão correu em cima de mim, me agarrou e eu pelejando pra ver se aprumava. Daí que eu me aprumei e corri atrás dele. E ele subiu, a mãe dele morava mesmo na Lagoa, as escadas altas, e fui até o meio da escada pra entrar e o Leondão me arrastou de lá pra cá. E foi onde saiu sangue do beijo. Aí tudo bem, entreguei pra Deus.

Depois eu tava em Cruzeiro de novo, mais o Zé Gomes, o Osmarino, e o Lino mandou a polícia vim me prender. E a polícia chegou e disse que eu tava preso. Eu tava até dentro do batelão. "Eu

tô preso por quê?". Disse que eu tava invadindo o seringal do Lino. Eu disse "Rapaz, eu não tô invadindo seringal de ninguém, eu tô no que é meu". Ele foi, disse "Não, mas vamos só contar a história lá pra eles como é o teu caso lá do seringal". Aí eu fui. Quando cheguei lá, eles me prenderam, nem falaram nada. "Tá sabendo por que tu tá preso?" Digo "não". "Tu tá preso porque tá invadindo o seringal do Lino". Digo "não tô invadindo o seringal dele não". Minha valença é que nessa época a Funai tinha mais um valorzinho, né? Que de primeiro, a Funai não era que nem hoje em dia não. E foram lá, mandou me soltar. Depois eu tava lá em Cruzeiro de novo, mandou lá me prender de novo. O Nego correu, foi avisar o Contran que me tirou de novo. Me tirou duas vezes. "Rapaz, tu só vive preso?". Nessa época era o Joaquim Teixeira, o delegado que gostava de me prender. Ele tinha me prendido a primeira vez mas ele não tinha me visto ainda. Aí na derradeira vez que ele me prendeu, como ele me viu, ele disse "ah rapaz, mas ele é índio". E disse "péra aí que eu vou ali e volto já". Acredita que nós esperamos meia hora e esse homem não apareceu mais, rsrs. Aí o Contran pegou no meu braço, "rapaz, ele não vem mais, vambora".

E assim foi continuando a nossa vida. Depois disso, na época que eu vivia assim nessas lutas, não tinha professor mais eu, não tinha agente de saúde. Professor só era o Antônio Pereira e o agente de saúde só era o finado Jorge. Agora não: quando a gente vai assim pra uma reunião, vai professor, vai agente de saúde, vai agente agroflorestal, vai parteira, vai tudo! Mas na minha época mesmo, nem minha mãe, ela só foi no tempo que era pra gente tirar a nossa Terra. Agora não, hoje em dia, graças a Deus, esses jovens que tão acompanhando. Você [Fátima] nessa época era pequena, Maria Antônia também nessa época, tudo nova... E agora já andaram aqui no rumo, nunca pensei um dia eu ia ver isso, nem você nem ela andar aqui nessa picada. E os parentes, têm deles que é professor, agente de saúde, já tem muita gente! Vocês no trabalho. Antes nessa época só eram poucas pessoas mesmo. Hoje em dia pra uma atividade, pra uma reunião, vai muita gente, uns ajudam os outros. Mas nessa época às vezes eu ia pra uma reunião mais o Zé Maria, mas o Piauí não ia nem lá. Agora não, tá junto com o cacique... e mudou muita coisa dessa época do tempo do passado. E os patrão, não era carrasco só com os

indígenas não, era com os seringueiros brancos também, tudo de um jeito só. Se o cara vendesse uma borracha [para outro patrão], já mandava o cara sair da colocação, não ficava de jeito nenhum mais. Muitos cariús aí em Porto Walter diziam pra mim, "Rapaz, agora nós vive bem, no tempo que vocês viviam massacrados, e não era só vocês, era nós também né?". Vivia no cativo, nas unhas do patrão. E eles dizem pra mim também, do jeito que nós os índios passavam, eles passaram também. Não podia vender a borracha, só podia vender se fosse pra aquele dono do seringal né?

Aí sei que lutei muito, filha. Depois que eu vim pro Val Paraíso também, quem tomava de conta era o Raimundinho Bruzugu. Diz que ele quis achar ruim, mas parece que tinha Deus que me protegia, né? Que nem o Manoel Lopes, cara era mais valente, mas foi dos mais mansos que tem. Bravo mesmo foi o Marmude mais o Lino. Aí depois que Marmude foi reconhecendo também o direito, e aí se juntou com aquela Maria. E aí ela disse que ia se juntar com ele, mas sabia que ele tinha raiva de mim. E que só se juntava com ele, se ele fizesse as pazes comigo, não ficasse com raiva



de mim. Que eu era parente dela ainda. Aí graças a Deus ele ficou muito legal pra mim, depois da vez que me bateu... Mas ele já morreu e eu ainda tô vivo [risada]. E agora não, à vista de antigamente, tá tudo bem organizado, os parentes tudo.

Quer dizer, não tá muito legal os parentes, porque tem uns que ainda ficam criticando os outros. Mas a não ser essas críticas que os parentes têm, irmão com primo, com os outros... se não fosse isso, tudo tava tranquilo. Mas assim mesmo esses jovens tão pelejando né? Que nem aquela reunião

que nós tivemos lá, uns parente duvidando... Eu fui um que disse, eu e o Doca, "rapaz, vocês não conhecem o coração de ninguém". "Ah, esses meninos não aguentam nada! E essas mulheres?! Que que vão fazer?! Que não vão fazer nada, que não aguenta!". Tem mulher que já foi mais longe que os caras que diziam que as mulheres não iam né?

Fátima: Verdade!

"E esses juvenzinhos não aguentam não, vão logo vir embora". E no final foi os jovens que aguentaram né?

Cailândia: e ainda faziam festa!

Hahaha! E ainda faziam festa! E seu pai [Doca] foi ainda pra acolá, e o Albanir também, não foi? Eu vi o dia que o compadre Albanir chegou da picada, que disse "pai, repara aqui, o tio Albanir como vem cansado!"

E é assim, minha filha, sei que nós passamos baixo! Se não levasse uma borrachinha, o cara não comprava nada. Hoje em dia, graças a Deus, tem professor, vocês ganham bolsa família, já tem umas que na época não era aposentada, já é aposentado, graças a Deus. A gente e esses novos, esses novatos, esses jovens que coloquem esse trabalho pra frente! Eu mesmo, o que eu pude fazer já fiz. Agora é os parentes se virar, tem muitos parentes novos que têm coragem né?

Fátima: Se virar e cuidar da Terra né, tio? Zelar pelo que o senhor já conquistou pra nós, tá tudo dentro da Terra Indígena.



MAPA DE EXTRATIVISMO DA TERRA INDÍGENA ARARA DO IGARAPÉ HUMAITÁ

